



**“LINHAS DE ORIENTAÇÃO PARA A INSTALAÇÃO OU  
REQUALIFICAÇÃO DE EQUIPAMENTO EM LOCAIS NATURAIS DE  
ESCALADA EM ROCHA”**

## Índice de Matérias

1. Introdução.....	3
2. Conceitos de Ética .....	4
3. A Escalada como valorização individual e social .....	5
4. Valores de Referência para Equipamento de Novos Locais .....	6
4.1. <i>Nível de Dificuldade das Vias</i> .....	7
4.2. <i>Diversidade das Vias</i> .....	8
5. A reabilitação/reequipamento de vias de escalada em rocha.....	9
6. Preceitos a respeitar na aprovação de projectos.....	11
7. A primeira ascensão de vias de escalada em rocha (abertura de vias com autoprotecção)....	12
8. Responsabilidades.....	12
9. Glossário.....	14
10. Referências .....	16

## Índice de Figuras

<i>Figura 1 - Distribuição da dificuldade das vias num universo de 100 vias.</i> .....	7
<i>Figura 2 - Distribuição percentual adas Vias por Grau de Dificuldade</i> .....	8

## 1. Introdução

Este documento refere-se à colocação de protecções fixas em vias de escalada em rocha levando em consideração os padrões actuais de técnicas de segurança actualmente estabelecidas e aceites.

São igualmente levados em consideração alguns conceitos de ética baseados na tradução e adaptação para a realidade portuguesa do documento elaborado e publicado pela UIAA “*To bolt or not to be*”, que pretendeu dar resposta a pedidos das associações internacionais de montanhismo para aconselhamento sobre o uso de equipamento fixo.

A Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal (FCMP) já divulga nos seus cursos de formação da área de escalada o referido documento em versão pdf. No entanto este presente documento pretende reforçar esses conceitos levando em consideração os múltiplos pedidos de apoio para equipamento por parte de associadas para dinamizar (reabilitar) locais naturais de escalada existentes ou desenvolver novos.

Este documento servirá como orientação para a avaliação/validação de projectos, de associadas da FCMP (Clubes ou Associações), que pretendam pedir à FCMP material para equipar e/ou reequipar vias de escalada em locais naturais de escalada.

Sabendo que existem opiniões divergentes acerca da colocação de equipamento fixo, entre escaladores desportivos e outros mais tradicionais, este documento reveste-se ainda de maior utilidade na tentativa de conciliar eventuais interesses contraditórios. Para isso levou em consideração a opinião de alguns escaladores e alpinistas de renome defensores de ambas as linhas de actuação<sup>1</sup>.

O papel das Federações é o de promover a disseminação da prática desportiva. No caso da FCMP compete-lhe criar as condições para uma prática segura da modalidade de escalada nomeadamente através da criação, aumento ou reabilitação de instalações naturais desportivas não colocando em causa o património histórico que algumas destes locais encerram.

---

<sup>1</sup> Citando apenas alguns alguns, Alexander Huber, Pit Schubert, Reinhold Messner, Mick Fowler, Yvon Chouinard, etc.

## 2. Conceitos de Ética

A maioria dos escaladores (nos quais se incluem igualmente montanhistas e alpinistas) consideram a escalada como um “desporto/actividade de liberdade”, ou seja, por outras palavras, uma modalidade livre de regras e regulamentos em que existe liberdade para praticar onde se quer, quando se quer e com quem quer que se escolha.

Contudo esta perspectiva não é totalmente correcta. Existe um código de ética e comportamento que envolve o respeito pelo meio ambiente em primeiro lugar e consideração pelos restantes escaladores envolvidos nesta modalidade em segundo. De facto existem conceitos que foram aceites pela maioria dos escaladores ao longo da história desde há muitos anos, e em grande parte, são respeitados e funcionam bem. Um exemplo disso é o documento “To bolt or not to be” que já tem 20 anos e que pretendeu dar resposta ao desconforto sentido pela comunidade escaladora na altura pela explosão da escalada desportiva e consequente proliferação de locais naturais de escalada.

Alguns dos princípios defendidos nesse documento ainda hoje perduram sem grande debate.

Desde há muito tempo que há debates entre escaladores de escalada desportiva e de escalada clássica (auto-protecção), sobre a ética respeitante ao uso de protecções fixas.

Este documento pretende igualmente sugerir medidas consensuais, num terreno comum entre os escaladores que querem a maioria das vias equipadas e os que têm uma abordagem mais tradicional e que rejeitam o uso de equipamentos fixos (plaquetas, *tiges* e pitões).

No caso concreto de Portugal, a grande maioria das vias de escalada varia entre vias desportivas (totalmente equipadas) e vias clássicas com apenas algum equipamento fixo, normalmente colocado em placas desprovidas de quaisquer fissuras passíveis de serem usadas para autoprotecção através de material amovível (como sejam *SLCD's* ou entaladores passivos) ou então em pontos de reunião.

Desde logo é visível que as posições não estão extremadas mas é necessário que exista um respeito mútuo pelos diferentes pontos de vista.

A título de exemplo extremo pode-se referir que o ponto de vista de um escalador como John Bachar, Alex Honnold, Wolfgang Güllich ou Peter Croft seria o de que não são necessárias

protecções dado que escalam em solo (sem corda). Impor esta regra à restante comunidade de escaladores seria restringir o desenvolvimento da modalidade e promover apenas o conceito do super-homem ou de uma elite de praticantes.

Por outro lado, equipar novos locais naturais de escalada como uma escada de autoprotecções onde não existe a sensação de risco e de envolvimento por parte do escalador então estaremos a fazer uma via ferrata que não se insere no conceito de via de escalada.

Sendo que vivemos numa sociedade tolerante, espera-se que as sugestões contidas neste documento ofereçam um compromisso aceitável que todas as partes intervenientes possam usar no futuro.

### **3. A Escalada como valorização individual e social**

A escalada é uma actividade caracterizada pela interacção entre pessoas e que leva muitas vezes à construção de sólidas e duradouras relações humanas, baseadas na confiança que se tem no parceiro (conceito de cordada).

Caracteriza-se ainda pelo contacto directo com a natureza e pela intensidade da própria actividade física. Escalar é mentalmente estabilizador para muitos indivíduos, proporcionando uma sensação de equilíbrio, de auto-superação dos seus receios e limitações, de autoconfiança e de reforço da sua potência mental.

Do ponto de vista sociopolítico, a escalada contribui para a saúde pública por contrariar os efeitos da inactividade física e promover o contacto directo com a natureza e o respeito pelo meio ambiente.

Para além do já mencionado, é também reconhecido por psicólogos e educadores que escalar ao ar livre promove traços de carácter positivos, como a confiabilidade, o sentido de responsabilidade e a capacidade de trabalhar/liderar em equipa.

Escalar na natureza oferece uma oportunidade - especialmente para os jovens - para desenvolver o sentido de responsabilidade. Este aspecto é mais ou menos acentuado consoante o grau de risco que determinada escalada acarreta no sentido de maximizar a segurança do escalador e do seu parceiro.

Juntamente com o respeito pelo meio ambiente natural, o livre acesso às áreas de escalada é um direito fundamental. A prática da escalada só existe se for garantido este direito, que poderá

obviamente ser restringido apenas em casos isolados, bem fundamentados, e quando demonstrados como absolutamente necessários.

Tal como no caso do pedestrianismo (caminhadas), a escalada em rocha é cada vez mais uma actividade economicamente relevante, sendo os escaladores, os seus familiares e muitas vezes os amigos que viajam com eles, uma fonte significativa ao nível das receitas para as populações residentes junto dos locais visitados.

#### **4. Valores de Referência para Equipamento de Novos Locais**

A FCMP tem como Missão o desenvolvimento da modalidade de escalada por forma a torna-la acessível ao maior número de praticantes.

Juntamente com a promoção da modalidade vem a responsabilidade de dotar os agentes desportivos do conhecimento necessário para contribuir para esse mesmo desenvolvimento.

Nesse âmbito inserem-se as acções de formação dos seus Treinadores e Quadros Técnicos bem como de praticantes através dos programas curriculares concertados com as suas associadas.

A criação de locais Naturais de Escalada deverá ir ao encontro da procura por parte da maioria dos praticantes, por um lado, e constituir, noutros casos, um equipamento desportivo para a aprendizagem da escalada quer a nível de iniciados quer a nível de praticantes experientes.

Em ambas as situações o Equipamento Desportivo a ser apetrechado deverá apresentar as condições de segurança e durabilidade em conformidade com a legislação vigente.

Sabe-se hoje que por vezes a legislação em vigor não é suficiente para dar resposta a fenómenos que gradualmente vêm sendo revelados e tornados do conhecimento público. É por exemplo o caso de alguns fenómenos de corrosão intensa em zonas costeiras marítimas que afecta o aço Inox e que atesta a insuficiência de algumas práticas vigentes.

Compete à FCMP e aos demais agentes desportivos contribuir com medidas mitigantes destes efeitos nefastos por forma a manter o grau de confiança por parte dos utilizadores que estas instalações requerem.

Não é do âmbito deste documento estabelecer as normas de técnicas de instalação de equipamento fixo nos locais. Essa é matéria de cursos de formação específica a técnicos que providenciarão a adequada instalação das vias nos Locais Naturais de Escalada.

O que se pretende que fique claro é que a FCMP apoiará projectos de equipamento de novos locais que respeitem as directivas contidas neste documento.

#### 4.1. *Nível de Dificuldade das Vias*

Tendo em consideração a maioria dos praticantes iniciados e os praticantes já confirmados, conseguiu-se definir uma distribuição das dificuldades que devem nortear a estruturação das vias num novo local natural de escalada.

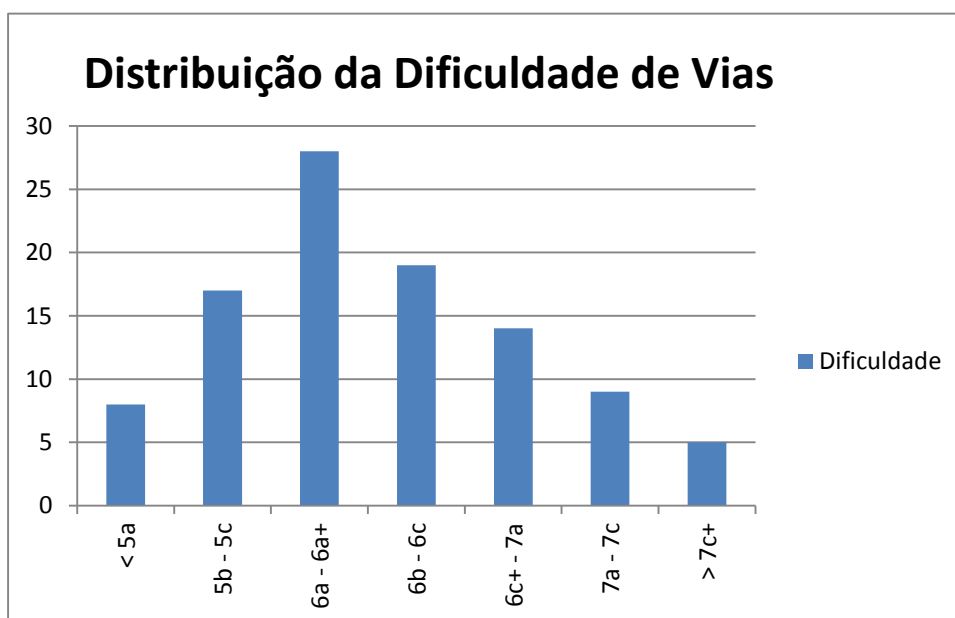


Figura 1 - Distribuição da dificuldade das vias num universo de 100 vias.

Esta distribuição pretende ser orientadora das métricas que a FCMP pretende ver aplicadas nos novos locais. Não sendo vinculativa a distribuição, não devem os valores afastar-se muito dos assinalados (tolerância de +/- 10%).

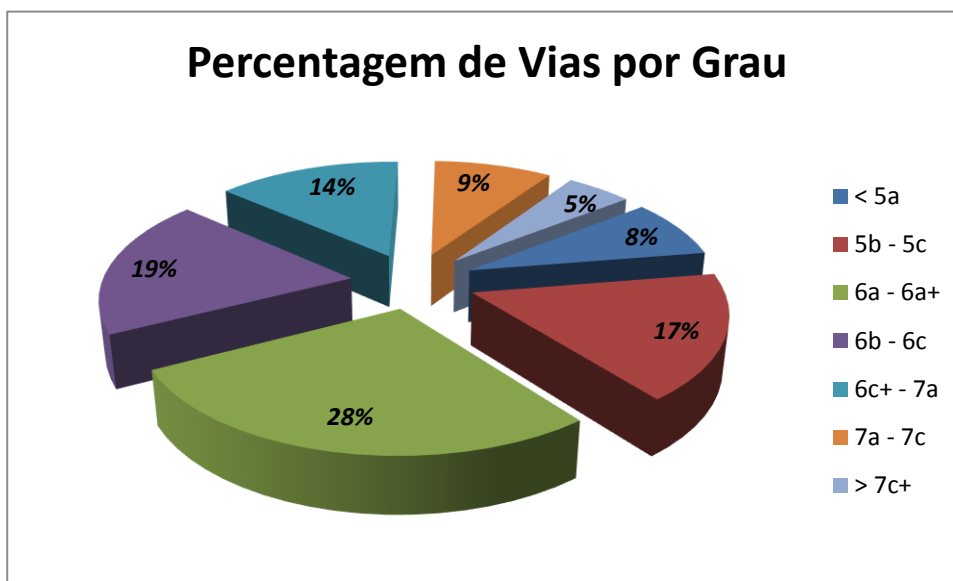


Figura 2 - Distribuição percentual das Vias por Grau de Dificuldade

Poderão existir novos locais naturais de escalada que não respeitem esta predisposição sendo por tal sujeitos a uma análise prévia à decisão de apoio.

Essa análise levará em consideração a facilidade de acesso, a implantação no terreno tendo em conta a proximidade de outros locais naturais de escalada, o nível preponderante das dificuldades das vias, o número de vias bem como da sua extensão, a proximidade do mar e obviamente os custos que o projecto envolve.

#### *4.2. Diversidade das Vias*

Para efeitos de análise do anteprojecto (proposta) deverão constar dados do conjunto de vias que se pretende equipar tendo em vista o seu enquadramento global.

Quando se pretender equipar apenas alguns sectores dum projecto de maior dimensão que na altura não esteja ainda definido deverá ser incluída uma secção de trabalho futuro com o maior detalhe que for possível coligir.

Em ambos os casos é desejável dispor dos seguintes elementos:

- Distribuição de vias entre Vias de Desportiva, Vias de Clássica e Vias de Boulder.
- Distribuição de vias de um largo vs. multilargo



- Distribuição das vias por dificuldade
- Referência (simbólica) à inclinação média das paredes – Inclinação, vertical ou subprumada.
- Consistência (ou degradação) da rocha
- Número médio de pontos fixos por comprimento total de via para cada via.
- Fotografia e traçado (estimado) da via sobreposto na foto
- Localização Geográfica e indicações de encaminhamento (visualização em Google Maps)

## 5. A reabilitação/reequipamento de vias de escalada em rocha

A evolução da escalada veio transmitir a muitos escaladores o gosto por escaladas desportivas bem protegidas através do mérito do desenvolvimento de novos materiais (cordas) e legislação técnica (Especificação CE e Homologações).

Este desenvolvimento veio permitir que um grande número de escaladores se tornasse adepto da presença de protecções fixas (plaquetes e *tiges* essencialmente) que transmitam segurança, nos largos de escalada e nas reuniões. Este aspecto veio aliviar economicamente uma larga faixa de praticantes isentando-os do investimento em equipamento de autoprotecção.

Semelhante fenómeno se passou (e ainda se passa actualmente) relativamente ao Bouldering cujo investimento (colchões de amortecimento – crash pads) para além do equipamento estritamente individual (sapatilhas) é partilhado por um conjunto de escaladores.

Por outro lado, um bom número de escaladores mais tradicionais prefere manter o carácter original de algumas vias e áreas de escalada. Estes preferem escalar as vias sem protecções fixas ou apenas com as protecções fixas onde seja impossível a colocação de autoprotecções amovíveis.

A quantidade e a qualidade do equipamento fixo numa via de escalada em rocha é muitas vezes um factor determinante que influencia a popularidade da via dado que as vias bem protegidas são escaladas com mais frequência do que as vias mal protegidas.

Existe uma percepção clara de segurança que é aceite pela comunidade escaladora.

Em zonas ecologicamente sensíveis, poderá existir alguma restrição quanto à carga do acesso de visitantes ao local, o que poderá não ser compatível com implantação nesse sítio de um local natural de escalada com instalações fixas destinado à escalada desportiva.

Essas regiões poderão ser alternativamente encaradas como potenciais locais naturais de escalada destinados à escalada clássica (uso de autoprotecção).

Um pluralismo ao nível dos diferentes tipos de escalada é desejável e bem-vindo, como uma expressão das preferências individuais e legítimas de diferentes escaladores. Para possibilitar a continuidade deste pluralismo deixam-se as seguintes recomendações:

- As medidas de recuperação/reequipamento devem ser preferencialmente dirigidas a uma selecção de vias frequentemente escaladas, e a outras que, embora menos frequentadas, se encontrem num estado de degradação potencialmente perigoso como, por exemplo, vias em zonas costeiras marítimas com material fixo degradado.
- As vias de escalada em rocha que representam marcos históricos da escalada portuguesa (Via Luso-Galaica na Serra da Estrela, é disso um bom exemplo) devem ser deixadas no seu estado original.

Deverá ser tido em conta no reequipamento de vias de escalada em rocha a preservação do carácter da via, nomeadamente no que diz respeito a:

- O alinhamento da primeira ascensão não deve ser alterado;
- Vias que foram escaladas pela primeira vez sem recurso a equipamento fixo, usando apenas material amovível como por exemplo entaladores, friends, etc, devem manter-se tanto quanto possível no seu estado original e serem preservadas da instalação de qualquer equipamento adicional;
- Não deverá ser colocada nenhuma protecção fixa em secções de vias que não as possuíam originalmente e que podem ser escaladas sem essas mesmas protecções adicionais por escaladores com as necessárias competências para ascender a via;
- As longas secções da via sem qualquer protecção (*runouts*) não devem ser anuladas pela colocação de pontos fixos adicionais. Não se deverá retirar a “emoção” à via, se esta foi originalmente escalada com algum “runout”;
- A dificuldade psicológica de uma via não deve ser alterada pelo acréscimo de equipamento fixo aquando do seu reequipamento. A quantidade de equipamento

colocado ao reequipar uma via deve ser, em regra, menor ou em igual número ao equipamento original. Por exemplo, vários pitões podem ser substituídos por uma só plaquete se o terreno assim o permitir;

- Para todos os reequipamentos, apenas o material certificado pelas normas europeias (CE) ou pela UIAA deve ser utilizado;
- Uma via não deverá ser reequipada contra a vontade do primeiro ascensionista (se este for vivo e o tiver expresso publicamente).

## **6. Preceitos a respeitar na aprovação de projectos**

Os equipamentos e/ou reequipamentos levados a cabo com material cedido pela FCMP apenas poderão ser realizados nomeadamente se:

- Após aprovação de projectos entregues a esta entidade pelas associadas a instalação do equipamento fixo for assegurado por técnicos com reconhecida competência e conhecimento técnico para executar a tarefa (currículo e cursos ao nível de equipamento/reequipamento de vias).
- Sempre que possível, após a troca de informações e cooperação entre os pretendentes equipadores/reequipadores e escaladores locais ou outros que frequentem assiduamente os locais de escalada envolvidos e possuam informação relevante acerca destes. A opinião dos primeiros ascensionistas deverá prioritariamente ser levada em conta.
- Deverá ser garantida previamente uma autorização por parte da entidade que exerce o poder sobre o local seja ela autárquica, empresarial ou privada. Nos casos em que para algum equipamento/reequipamento não haja acordo entre os intervenientes, a FCMP poderá servir de mediadora.

## 7. A primeira ascensão de vias de escalada em rocha (abertura de vias com autoprotecção)

A FCMP estabelece alguns parâmetros de enquadramento relativamente à forma de registo das primeiras ascensões das vias de rocha utilizando autoprotecção (vias de clássica).

A primeira ascensão de uma via é considerada como tal quando a escalada foi realizada “à frente” (sem utilização da técnica de *top-rope*);

- As protecções fixas devem ser limitadas ao mínimo e cabe ao primeiro ascensionista definir o nível de protecção na via que idealizou;
- Uma primeira ascensão deverá idealmente respeitar fissuras naturais passíveis de serem protegidas com material amovível, sem colocação de protecções fixas nessas secções da via;
- As vias devem seguir itinerários lógicos e de preferência não devem cruzar itinerários já existentes para não provocar confusão aos segundos ascensionistas;
- A parede/rocha não deve ser modificada a não ser em caso de purga de rochas soltas;
- Na abertura de uma nova via, não se deve eliminar o ambiente característico dos itinerários clássicos, nem provocar descaracterização do carácter independente de eventuais vias adjacentes;

## 8. Responsabilidades

A cedência do material de equipamento não vincula a FCMP a qualquer responsabilidade no caso de acidentes ocorrido nos locais a equipar.

A cedência do material para equipamento/reequipamento é sempre feito às associadas da FCMP que posteriormente têm a obrigação de nomear um responsável com reconhecimento técnico e experiência para levar por diante a condução do projecto a que a associada se candidatou.

Compete a cada equipador/reequipador seguir regras básicas de boas práticas (técnicas) e de bom senso, acatando as recomendações constantes no presente documento e respeitar sempre a perspectiva do primeiro ascensionista/equipador.

De igual modo o técnico responsável deverá preservar o carácter original das vias sujeitas aos reequipamentos, não devendo acrescentar protecções fixas a não ser que o autor da via em questão tenha tomado conhecimento e tenha manifestado acordo com essas alterações.

As associadas da FCMP assumem o papel de manter actualizada a informação respeitante a estes locais naturais de escalada bem como cuidar da sua manutenção preventiva para garantir os mais elevados níveis de segurança a todo o universo de praticantes que frequenta o local.

A FCMP envidará esforços para garantir dentro da sua capacidade e dentro dos limites da razoabilidade o fornecimento de equipamento necessário à referida manutenção.

Em última análise, deverá ser fomentado o conceito do “escalador responsável”, partindo do princípio básico que a escalada é uma actividade de risco que pode produzir incidentes e acidentes. Neste caso e, em nome da liberdade de opção inerente à própria actividade, cada escalador deverá ser responsável pelas suas acções e assumir qualquer nível de risco (ou minimizar esse risco através da aquisição de seguro) de forma consciente.

## 9. Glossário

<b>Autoprotecção</b>	Utilização de material que o escalador transporta consigo em fendas, buracos, pontes de rocha, pedras entaladas para garantir a sua retenção em caso de queda.
<b>Escalador</b>	Pessoa que progride numa via de escalada e que tem a responsabilidade de garantir a sua segurança através de medidas de protecção sejam elas através de colocação de material adequado na via ou seja garantir a sua progressão com a autonomia e competência necessária.
<b>Escalada Clássica</b>	Tipo de escalada que pressupõe o mínimo de equipamento fixo colocado na via por onde se progride. Procura replicar as dificuldades dos primeiros ascensionistas sem degradar o estado da rocha através da utilização de material amovível intrusivo (pitons).
<b>FCMP</b>	Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal U.P.D. (Utilidade Pública Desportiva).
<b>Locais Naturais de Escalada</b>	Locais naturais, por oposição aos designados de artificiais (indoor) onde se pratica a escalada seja do modo em que se encontra (escalada Clássica) ou instalando equipamento fixo (escalada desportiva).
<b>Montanheiros</b>	Indivíduos que praticam actividades desportivas em Montanha. Nestas modalidades incluem-se as seguintes modalidades: Alpinismo, escalada em Gelo, escalada desportiva, escalada clássica, escalada artificial, Ski de Montanha, Sky Running (corrida de Montanha), Pedestrianismo, Canyoning, Trekking, Marcha em raquetes de neve, Expedições, etc.
<b>Runout</b>	Secção de um comprimento de corda em que a autoprotecção é escassa comprometendo a segurança do escalador aumentando-lhe a sensação de risco em que incorre.

**Solo Climbing**

Escalada praticada em locais naturais em que o escalador não utiliza corda nem qualquer outro meio de segurança a não ser a sua perícia e autoconfiança.

**Via de Escalada**

Traçado imaginário numa parede de rocha por onde o escalador desenvolve a sua progressão fazendo recurso do seu léxico gestual e capacidade mental para ultrapassar as dificuldades que esse trajecto lhe apresenta.

**Vias Ferrata**

Traçado em paredes de rocha delineados pela instalação de equipamento fixo simulando escadas e onde a progressão é assegurada por cabos de aço (ferratas) fixo que retêm o escalador em caso de queda.

## 10. Referências

- UIAA Mountaineering Commission, *To bolt or not to be*, 1998, Bern
- SCOTT, Doug, *UIAA Recommendations on the preservation of natural rock for adventure climbing*- Mountaineering Commission, 2014, United Kingdom.
- DeSHAZO, J.R. & Pendleton, Linwood, *Activities in Models of Recreational Demand*, University of California, Los Angeles, Revised 2003, Los Angeles.

A Direcção FCMP

Lisboa, 30 de Setembro 2014